

**João Brigola (Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência)**

***Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814) – o coleccionador compósito\****

**\*Este texto reproduz, no essencial, a investigação conduzida pelo autor na publicação *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa: FCG/FCT, 2003.**

**Resumo**

Há na vida deste colecionador setecentista uma singular experiência que lhe moldou a personalidade e influenciou o ideário: a viagem que empreendeu a Roma com apenas vinte e seis anos. O *grand tour* de vários meses por cidades espanholas, francesas e italianas, visitando bibliotecas, museus e universidades, viria a representar uma autêntica revelação intelectual e espiritual. A pulsão cosmopolita é um dos aspectos mais originais da sua *forma mentis*: correspondência copiosa com intelectuais europeus, informação actualizada e aquisição de novidades bibliográficas e de objectos da Arte e da Natureza, visita constante de estrangeiros à sua residência episcopal e aos seus locais de entesouramento, em Beja e em Évora. Dele se tem dito que foi um ‘semeador de bibliotecas e de museus’, um ‘acumulador’ de livros e de objectos, um organizador incansável de colecções ecléticas, mas igualmente um ‘doador mecenático’ de acervos fundadores de várias instituições culturais ainda hoje ao serviço público.

**Abstract**

On the life of this eighteenth century collector there is a unique experience that shaped its personality and influences its ideas: he undertook a journey to Rome with only twenty-six years old. The *grand tour* of several months by Spanish, French and Italian cities, visiting libraries, museums and universities, would represent an authentic spiritual and intellectual revelation. The cosmopolitan impulse is one of the most unique aspects of its *forma mentis*: copious correspondence with European intellectuals, updated information and acquisition of new literature and objects of Art and Nature, constant visit of foreigners to the bishop's residence and their places of hoarding, in Beja and Évora. It has been said that he was a "propagator of libraries and museums". Cenacle was a collector of books and objects, a tireless organizer of eclectic collections, but also a donor and creator of founding collections in various cultural institutions yet today on public service.

1. Quase ao dobrar o século XVIII, Desallier d'Argenville - em capítulo de obra erudita dedicada à *Conchiologia* - empenhara-se em inventariar e descrever exaustivamente gabinetes e colecções de que tinha notícia ('Des plus fameux Cabinets d'Histoire Naturelle qui sont en Europe') constituindo esse, porventura, o mais antigo e genuíno texto de museologia histórica setecentista<sup>1</sup>. Mereceria sucessivas reedições nas décadas seguintes, sinal iniludível de sucesso editorial, comprovável entre nós pela sua aquisição e utilização nos estudos universitários de história natural<sup>2</sup>.

Invocamo-lo aqui sobretudo como padrão de medida europeia do universo que vamos agora revisitar, uma viagem guiada através das tendências dominantes no gosto colecionista, dos valores sócio-culturais em voga e das normas técnicas e estéticas do *l'arrangement* de Gabinetes (tanto o de um 'Prince amateur' como o de um 'Particulier')<sup>3</sup>. De resto, a este propósito, o autor reflecte sobre a evolução da sua própria sensibilidade, a qual nos primeiros anos do século era ainda tributária da desordem cenográfica e do hibridismo tipológico dos objectos, e que aqui aparece a anunciar a boa nova de um gosto redentor, adoptando exclusivamente as 'obras da natureza' exibidas com método sistemático numa "nouvelle scene"<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> "Cabinets riches & nombreux, dont la lecture de son Livre a donné parmi nous la première idée. (...) L'Ouvrage le plus complet qui ait encore paru en France sur cette matière" ('Dédicatoire' de Favanne de Montcervelle à 3ª edição de *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles*. Paris: Guillaume de Bure, 1780, pp. ij-ijj).

<sup>2</sup> Domingos Vandelli adquiriu esta obra para o Museu de História Natural universitário (Cfr. Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), Museu da História Natural, *Nota dos livros vendidos pela Firma Borel, Borel & C.ª ao Dr. Domingos Vandelli (1784)*).

<sup>3</sup> Um inteiro capítulo (pp. 187-198) é dedicado justamente à maneira de 'arranjar' o espaço de um Gabinete. Recordem-se dois textos sobre este tema: o artigo de DIDEROT, Denis - Cabinet d'Histoire Naturelle. In *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1751; e o manuscrito de VIDIGAL, Agostinho Joze Martins depositado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Mss. 8520, *Methodo De fazer Observações, e Exames necessarios para augmento da Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza, s/d, [1783]*,

<sup>4</sup> ARGENVILLE, A. Desallier d' - *op. cit.*, 1780, t. I, p. 187 [1ª ed. 1742, 2ª ed. 1757] O autor era membro da Société Royale des Sciences de Montpellier. A 3ª ed. foi publicada, depois da morte do autor, actualizada pelos Favanne (pai e filho).

Nos gabinetes portugueses nem sempre é reconhecível uma tão clara exclusividade de colecções naturais, aqui radicalmente recomendada por d'Argenville, parecendo mais apropriado falar-se de um coleccionismo eclético que, acompanhando embora a tendência filosófica da *sciencia dos muzeus*, mantém ligações à arte (pintura, escultura e estampa), à anticomania (numismática, epigrafia, arqueologia) e aos objectos curiosos das 'industrias humanas', em graus diferenciados conformes ao gosto (e às posses) de cada proprietário.

Há ainda uma outra diferença assinalável entre a realidade francesa e a portuguesa, e essa tem que ver com o facto de a nossa escala de grandeza ser infinitamente menor, quer quanto ao número de gabinetes, quer no respeitante à sua distribuição pelo território. Em França, a capital possui ricos e incontáveis gabinetes mas é possível situar coleccionadores em todas as regiões do país <sup>5</sup>; em Portugal a realidade é claramente macrocéfala porque, com a distinta excepção das iniciativas de Cenáculo (em Beja e Évora), Lisboa concentra todos os restantes proprietários amadores.

Ao lado do coleccionismo dos particulares abrir-se-á uma porta para um espaço museológico - o Gabinete de Medalhas e Antiguidades da Livraria Pública - que, apesar de *institucional* pelos objectivos didácticos e culturais e pelo suporte financeiro, mantém todavia um envolvimento privilegiado com o universo dos coleccionadores eruditos - tanto pelas doações que fundam o seu acervo inicial (Tomás Caetano do Bem, Manuel do Cenáculo), quanto pela curadoria técnica que eles lhe asseguram (António Ribeiro dos Santos, João Vidal da Costa e Sousa) - e na relação orgânica com as autoridades e os colectores locais de 'antiguidades' de acordo com o *Alvará* de 4 de Fevereiro de 1802.

Na abordagem do fenómeno privado do colecionismo setecentista utilizamos preferentemente o termo 'Gabinete' e, com exclusão do caso Cenáculo, deixamos cair o de 'Museu'. Ora, a diferenciação lexical mais não faz aqui do que traduzir a realidade que é, tanto quanto pudemos apurar, de contrastante evolução semântica nas duas categorias museais. Isto é, num primeiro momento a documentação revela-nos um uso indiferenciado dos termos, tal como é sistematicamente praticado nos textos que se referem aos estabelecimentos régios da Ajuda. Noutros casos, pode até dar-se que 'Museu' corresponda ao *conteúdo* (como que identificado com 'Colecção') e 'Gabinete' se refira ao *continente*, ao edifício que o alberga,

---

<sup>5</sup> Yves Laissus apurou em Paris, a existência de 45 gabinetes de história natural, 29 de pinturas, 12 de antiguidades, 9 de física e 9 de estampas (Cfr. Les cabinets d'histoire naturelle. In TATON ; René, coord. - *Enseignement et diffusion des sciences en France au dix-huitième siècle*. Paris: Hermann, 1986, pp. 679-712).

como comumente aparece nos textos pombalinos relativos aos estabelecimentos universitários.

Já para os finais do século, parece instalar-se a consciência de que a designação de 'Museu' se deve reservar para iniciativas que envolvam uma dimensão - e uma ambição - que superem a realidade mais chã do vulgar coleccionismo privado de amadores e eruditos. A 'Museu' passa-se a associar um espaço de exibição fisicamente mais vasto, dotado de um quadro de profissionais, e assumindo obrigações permanentes para com o público.

Donde, a opção mais apropriada pela designação 'Gabinete', que julgamos reflectir melhor a realidade de um coleccionismo de particulares que não cumpre, genericamente, o triplo alcance *público, permanente e profissional* das colecções suportadas pelo Real Erário ou - como nos casos excepcionais do padre mestre Mayne e do arcebispo Cenáculo - libertas das contingências desagregadoras dos patrimónios familiares.

**2.** O conteúdo de uma carta recebida por frei Manuel do Cenáculo em 1771, e remetida por frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar<sup>6</sup> - agindo como seu procurador na aquisição de espécimes numismáticos na região minhota -, bem que poderia resumir o sentido de boa parte da correspondência que lhe era dirigida e que documenta, quase até à exaustão, a paixão colecionista pelas 'antiguidades'<sup>7</sup>. Apesar da figura de Cenáculo se apresentar hoje aos nossos olhos como um dos coleccionadores setecentistas mais mencionados, certo é que dele fica ainda por fazer um estudo de conjunto - estribado na rara circunstância de sobrem as fontes documentais de forte ressonância museológica - que contribuisse para o melhor entendimento de uma actividade que Francis Haskell apelidou de "un des traits majeurs de la civilisation au sens plus large"<sup>8</sup>. Por isso, nesta sedutora perspectiva, encontra-se em aberto um programa de

---

<sup>6</sup> SILVA, Inocêncio F. da - *Diccionario bibliographico* portuguez. Lisboa: Na Imprensa Nacional, t.I, 1858, pp. 378-379 diz tratar-se do pseudónimo literário de frei Bernardo de Jesus Maria, franciscano observante e Prior no Alentejo.

<sup>7</sup> Cfr. *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (Aveiro, 3 de Setembro de 1775)*, Biblioteca Pública de Évora (BPE), CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 17); *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Janeiro de 1782)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19) e *Carta de Frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar a Frei Manuel do Cenáculo (Valença do Minho, 30 de Julho de 1771)*, BPE, CXXVII/1-4, Carta 625.

<sup>8</sup> Introduction. In *L'anticomanie. La collection d'antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles*, (dir. de LAURENS, Annie-France e POMIAN, Krzysztof), Actas do Colóquio, Paris: Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992, p. 11.

investigação que - adoptando como tema o estudo-caso de personagens que reuniram, amaram, e estudaram antiguidades - nos esclareça sobre as imensas e complexas implicações da actividade colecionista na história da cultura ocidental<sup>9</sup>.

Porque o arcebispo de Évora foi antes do mais - como nenhum outro colecionador português do seu tempo - o *anticómano* erudito cuja formação intelectual e prática pedagógica como hebraísta, orientalista, numismata, paleógrafo, exegeta <sup>10</sup> o habilitava a cultivar com igual empenho e competência os dois pólos da curiosidade antiquária e arqueológica <sup>11</sup>. O primeiro, o pólo *nacional*, radicava numa tradição historiográfica - já presente no *Alvará sobre a conservação de monumentos antigos (1721)* e na actividade da joanina Academia Real da História Portuguesa - que buscava a memória antiga do 'Reyno de Portugal' documentada nos vestígios epigráficos, arquitectónicos, escultóricos, medalhísticos e numismáticos dos povos 'antepassados' e dos tempos medievo e renascentista.

O outro pólo - o *clássico* - inseria-se numa tendência cultural que começara a despontar na primeira metade do século e a que não terão sido estranhas as escavações nas necrópoles etruscas, e nas cidades romanas de Herculano e Pompeia. O alemão Winckelmann (1717-1761), na sequência da observação das colecções do Eleitor do Saxe que incluíam estátuas de Agripina e três vestais provenientes de Herculano, publicara em 1755 as suas *Reflexões sobre a imitação dos artistas gregos na pintura e na escultura*. Já em Itália, contratado como 'prefeito das antiguidades do Vaticano', visita assiduamente as duas cidades vesuvianas e consegue reunir as provas que fundamentavam as suas teorias sobre a influência grega na arte romana,

---

<sup>9</sup> Cfr. *idem, ibidem*.

<sup>10</sup> V. MARTINS, José V. de Pina, Apresentação. In ALCOCHETE; Nuno Daupias d' - *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*. Paris: Centro Cultural Português da F.C.G., 1976, p. IX e CAEIRO, Francisco da Gama - *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959, p. 115.

<sup>11</sup> Utilizamos aqui a conceptualização e os seus desenvolvimentos propostos por POMIAN, Krzysztof - Les deux pôles de la curiosité antiquaire. In *L'anticomanie...*, *ob. cit.*, pp. 59-68, 1992. Não por acaso uma das mais interessantes fontes documentais do labor colecionista de Cenáculo tem por título *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenáculo Villas-Boas*, BPE, CXXIX/1-14, Lápides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence. Contudo, como já notara VASCONCELOS, J. Leite de - A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. Beja: *Arquivo de Beja*, vol. III, fasc. I e II, (1946), p. 119), nem todas as estampas originais ali se encontram.

publicando em 1764 a *História das Artes na Antiguidade*<sup>12</sup>. A obra de Winckelmann marca uma ruptura em todo o sentido colecionista europeu, demonstrando que a perfeição original de beleza artística era proveniente da civilização grega.

Irrrompe assim, como uma 'mania', o culto da Antiguidade, legitimando as pesquisas dos sábios (bem como a imitação dos seus testemunhos pelos artistas) e conduzindo as gentes de fortuna a visitar a Itália e a Grécia, e a despender imensas somas para formar colecções de estátuas antigas, bustos, lápides, moedas, vasos etc. Esta voga, também alargada ao espólio egípcio<sup>13</sup>, enformou a atitude das elites europeias em relação ao passado, passando-se a partilhar à escala do continente - graças a esta tendência classizante - uma mesma representação da história e um mesmo gosto.

Que Cenáculo tenha dado guarida nas suas colecções - ainda que em menor grau - a outras tipologias (de história natural e de arte, principalmente) não pode questionar esta linha de interpretação mas, isso sim, sublinhar a dimensão compósita que se encontra em qualquer outro colecionador privado seu coetâneo e que correspondia, aliás, à visão do *Museo* como local ideal de (re)unificação dos saberes, 'microcosmos, espelho da criatividade divina'<sup>14</sup>. Conceção presente na *Oração (1791)*, texto atribuído a frei José de São Lourenço do Vale mas que - revisto e anotado pelo bispo - expressa bem o pensamento museológico cenaculano<sup>15</sup>.

Fora um jovem de vinte e seis anos aquele que ao dobrar do século viajara até Roma, recolhendo dessa experiência primordial a marca duradoura das suas opções intelectuais, de sensibilidade, de gosto e de filosofia. Em digressão pelos grandes monumentos da cultura

---

<sup>12</sup> WINCKELMANN, J. J. - *Historia del arte en la antiguidad*. Barcelona: Editorial Iberia, 1994.

<sup>13</sup> Vide *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (5 de Julho de 1803)*, BPE, CXXVII/1-8, Carta 1663 e ARAÚJO, Luís Manuel de - O núcleo egípcio da colecção de antiguidades da Biblioteca Nacional. Lisboa: *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 2, (Primavera de 1998), p. 164.

<sup>14</sup> Expressão utilizada para caracterizar as colecções de sir Hans Sloane, com as quais o Parlamento britânico instituiu o British Museum (Cfr. ERNST, Wolfgang - La transition des galeries privées au musée public et l'imagination muséale: l'exemple du British Museum. In *L'anticomanie...*, ob. cit., 1992, p. 157).

<sup>15</sup> [VALLE, Frei José de São Lourenço do] - *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19, transcrito in BRIGOLA, João - *Coleccionismo no séc. XVIII*. Porto: Porto Editora, 2009.

setecentista de Espanha, França e Itália - universidades, bibliotecas e museus - elaborará o núcleo fundamental do seu ideário, como muitos anos depois ainda recordará: "A viagem a Roma em o anno de cincoenta [...] me fará sempre apregoar em quaesquer ramos de litteratura, que foi uma disposição efficacissima para o bem das lettras na Provincia. As famosas Bibliothecas, que se representarão à nossa curiosidade nas cidades eruditas da nossa passagem, levantarão milhares de idéas que se começarão a produzir, como o tempo hia permittindo"<sup>16</sup>.

Depois, durante mais de duas décadas - entre 1755 e 1777 - enquanto vai ocupando os mais elevados cargos na burocracia de Estado pombalina e na hierarquia eclesiástica, reúne no Convento de Nossa Senhora de Jesus objectos de predilecção predominantemente antiquária (entre eles o medalheiro catalogado por frei Vicente Salgado e frei Sebastián Sánchez <sup>17</sup>), e as primeiras telas de pinacoteca abundante mas de valor intrínseco muito variável <sup>18</sup>.

**3.** Já na Diocese de Beja - a ocupar finalmente a cadeira episcopal criada em 1770 - alargará o afã colecionista aos espécimes dos três reinos da natureza, alimentando um hibridismo de gosto que deixará perplexos alguns dos seus colectores menos tocados pela dominante *philosophia natural*, como é perceptível em carta do arabista frei João de Sousa Damasceno <sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> *Memórias históricas e Appêndix*, 1794, vol. 2, p. 200, *apud* CAEIRO, F. da Gama - ob. cit., 1959, pp. 35-36. Desta viagem existe o *Diario do R. mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho de 1750)*, BPE, CV/1-10 d. publicado, com estudo e notas, por CABRAL, Maria Luísa - *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua...* Lisboa: BNP, 2011.

<sup>17</sup> Cfr. *Catalogo das medalhas que havia no Museo do Snr. Bispo de Beja em 1772*, Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL), Gab. 5, Est. 8, n.º 54.

<sup>18</sup> Cfr. ESPANCA, Túlio. - As antigas colecções de pintura da livraria de D. frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora. Évora: *A Cidade de Évora*, nº 17-18 (1949), pp. 443-498; - Espólio artístico de Cenáculo. Évora: *A Cidade de Évora*, nº 37-38, (1955-1956); e MACHADO, José Alberto - *Um colecionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, Universidade de Évora, Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica (Texto policopiado), 1985.

<sup>19</sup> *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Julho de 1788)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 50, p. 73

O relacionamento com naturalistas estrangeiros também se encontra bem documentado no epistolário cenaculano<sup>20</sup>, chegando a receber no Alentejo - a pedido do aristocrata Alexandre de Sousa Holstein<sup>21</sup> - a visita do famoso mineralogista dinamarquês Abildgaard, hospitalidade que será recompensada com a oferta de "hum Pacote de Livros" q. o Professor Abilgaard [sic] (...) enviou de Copenhague para V. Ex.<sup>a</sup> " <sup>22</sup>.

Há ainda o curioso caso de um alemão - de nome André Frederico - apresentado por João de Sousa como "naturalista", mas cujo perfil o situa entre o viajante-aventureiro, o mineralogista-amador e o *marchand* de 'produções da Natureza e da Arte', comercializando uma miscelânea de objectos que podia ir da escolhida colecção de 'pedras' às 'sagradas relíquias'. Já em tempos tinha sido fornecedor de Cenáculo, no convento lisboeta<sup>23</sup>, e esperava retomar um frutuoso comércio oferecendo agora ao bispo de Beja: "Alem dos Mineraes, Pedras presiozas, Caixas p.<sup>a</sup> tabaco de pedras, m.tas Medalhas antigas, e maior parte do Egipto, tras huma reliquia da Varonica do Senhor, p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> e diz que a elle custara outenta sequinos que fazem 130 000 reis, e que faz gosto que V. Ex.<sup>a</sup> fique com ella, e pelo mesmo custo, e que para outra pessoa não a dava por este preço (...)"<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> Cfr. *Carta do Barão de Hupsch a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, BPE, CXXVII/1-4, Carta 566 e *Carta de Frederic North a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Abril de 1788)*, BPE, CXXVII/1-10, Carta 1866. North era também correspondente de Vandelli, nomeadamente em matérias botânicas.

<sup>21</sup> Cfr. *Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Março de 1794)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 19).

<sup>22</sup> *Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Julho de 1795)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 20.

<sup>23</sup> Cfr. *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 35).

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*. Sabemos que também tentou, aparentemente sem sucesso, vender a colecção mineralógica ao rei "para se repartirem pelo Muzêo da Universidade, e Academia das Sciencias" (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (s/d)*), BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º16, p. 26). Mas, por outro lado, comprova-se que as colecções do convento de Jesus, enriquecidas com a doacção de frei José Mayne, foram acrescentadas com alguns destes objectos (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 18, p. 29).



Pese embora o tributo assim pago à retórica museológica naturalista (para além dos nunca interrompidos investimentos em espécies pictóricas), o melhor da energia criativa de Cenáculo dirigir-se-á - durante os quase trinta anos em que pastoreou a Diocese pacense (1777-1802) - para a descoberta e estudo da cultura material 'antiga'. E, se não publicou coisa alguma sobre epigrafia, o seu contributo científico não terá sido despiciendo já que - como fez notar o arqueólogo alemão Emílio Hubner<sup>25</sup> - coligiu as antiguidades dispersas e esquecidas nesta parte do território nacional<sup>26</sup>, deixando úteis referências e informações nos *Cuidados Literários (1791)* e no caderno com desenhos e notas intitulado *Santo Sizenando. Beja Sua Patria (1800)*<sup>27</sup>, ainda selectivamente utilizados em finais de oitocentos por Estácio da Veiga<sup>28</sup>.

Datam da década de oitenta alguns testemunhos de eruditos nacionais e estrangeiros que visitavam o Gabinete do Paço episcopal - local onde, até 1791, se iam acumulando os objectos provenientes desta incessante actividade arqueológica e colecionista - e se compraziam com as 'notícias' prometidas pelas recolhas cenaculanas. Frei Vicente Salgado ao compor as *Memorias eclesiasticas do Reino do Algarve* dedica-as justamente ao labor intelectual do bispo de Beja e recorda que vira no gabinete pacense uma "Medalha da Ossobona (...) Entre as muitas curiosidades, que [Cenáculo] tem ajuntado das vizinhanças daquela Cidade [Beja]". Aproveita a referência para ajuntar, em nota, um rasgado elogio ao seu Mestre inspirador: "Nunca será assás louvado o zelo, e affecto deste sabio, e erudito Prelado ás Antiguidades, e

---

<sup>25</sup> *Noticias archeologicas de Portugal*. Lisboa: Tipographia da Academia, 1871.

<sup>26</sup> Abordando esta temática, existe um manuscrito intitulado *Livro das Antiguidades da cidade de Beja, e de outras particulares dependentes dellas*, composto por FREIRE, Vasco em data compreendida entre 1612 e 1621 e depositado nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Cod. 885.

<sup>27</sup> Depositado nos Reservados da BPE, com a cota CXXIX/1-10 e transcrito na íntegra por DELGADO, Manuel Joaquim - Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. Beja: *Arquivo de Beja*, vol. III (1946); vol. IV (1947); vol. V, 1948; vol. VI (1949). Também fazem parte deste acervo dois albuns de consulta obrigatória: *Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, BPE, CXXIX/1-13; e *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas*, BPE, CXXIX/1-14, Lapidés do Museo Sisenando Cenaculano Pacence. Vide HUBNER, E., ob. cit., 1871, pp. 37-38.

<sup>28</sup> *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional., vol. IV, 1891, pp. 195- 210. Vide também SIMÕES, A. Filipe - *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1878, pp. 5, 119, 162; PEREIRA, Gabriel. - *Notas d'Arqueologia*. Évora: Typ. De Francisco da Cunha Bravo, 1879, pp. 8-13, e o texto de VASCONCELOS, J. Leite de (editado no *Archeologo Português* e republicado no *Arquivo de Beja* por Abel Viana) - A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. Beja: *Arquivo de Beja*, vol. III, fasc. I e II, (1946) pp. 118-127.

bellas Artes. Os seus vigilantes cuidados nesta ilustração científica não tem sido infructíferos. Além de muitas preciosidades Romanas, de que sujeito habil fará a descrição, eu vou sómente lembrar os dignos monumentos, que este anno de 1783, lhe descubrio o mero acaso"<sup>29</sup>.

Nesse mesmo, ano coligindo textos sobre as antiguidades de Évora da autoria de eruditos quinhentistas e seiscentistas, o professor de *philosophia racional* Bento José de Sousa Farinha estabelece significativa afinidade de interesses entre o humanista André de Resende (1500-1573) - que recolhera nas "suas cazas" vestígios materiais 'antigos' - e o bispo setecentista que ostentava uma das 'pedras' deste espólio renascentista no seu Gabinete, assim acentuando a pertença comum à tradição clássica<sup>30</sup>.

De dois viajantes estrangeiros - o eclesiástico espanhol, F. Pérez Bayer (1782)<sup>31</sup> e o arquitecto irlandês James Murphy (1790)<sup>32</sup> - chegaram-nos também descrições e desenhos das colecções pacenses que, mais do que carrearem dados novos, servem sobretudo como ilustração dos laços culturais mantidos por Cenáculo com sábios e coleccionadores europeus<sup>33</sup>.

Quando no final do ano de 1800, depois de ter visitado o Alentejo, o académico galego José Cornide y Saavedra escreve ao bispo de Beja deixando simpáticas referências ao emblemático

---

<sup>29</sup> Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786, pp. 129-130.

<sup>30</sup> *Colleçam das antiguidades de Evora escriptas por Andre de Rezende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gapar Estaço, Frei Bernardo de Brito e Manoel Severim de Faria*, Lisboa: Officina de Filippe da Silva e Azev., 1785, p. 100.

<sup>31</sup> Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782. In *O Archeologo Português*, vol. XXIV (1920) pp. 123-127.

<sup>32</sup> *Travels in Portugal; through The Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem - Tejo, in the years 1789 and 1790. Consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, etc, of that Kingdom*. Londres: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795, pp. 297-302. Vide também RUDERS, C. I. - *Viagem em Portugal (1798-1802)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981, pp. 174-175. Vide ainda BRIGOLA, João - *Os viajantes e o 'livro dos museus'. As colecções portuguesas através do olhar dos viajantes estrangeiros (1700-1900)*. Porto: Dafne Editora, 2010.

<sup>33</sup> Cfr. *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1797)*, BPE, CXXVII/1-8, Carta 1648 e *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (23 de Novembro de 1797)*, BPE, CXXVII/1-8, Carta 1649.

'Templo de Diana' eborense e ao "precioso Museo de V. Ex.<sup>a</sup>"<sup>34</sup>, já o acervo cenaculano tinha saído do Gabinete da Sé para se expor publicamente na vizinha igreja de S. Sisenando, com inauguração solene a 15 de Março de 1791.

Que o pretexto próximo para a deslocação física dos objectos (colecção numismática de cerca de sete mil exemplares<sup>35</sup>, cento e sessenta lápides, cipos, colunas e fragmentos de escultura e de arquitectura, assim como uma série de inscrições da Idade Média e Moderna, além de espécimes naturais)<sup>36</sup> tenha sido a circunstância de, volumosos e pesados, exigirem depósito mais espaçoso, não pode questionar a dimensão sentimental, histórica e didáctica que o bispo de Beja quis transmitir ao novel *Museu Sisenando Cenaculano Pacense*<sup>37</sup>.

O epistolário continua entretanto a testemunhar uma intensa actividade colecionista durante os últimos anos passados na diocese alentejana, podendo servir de exemplo as cartas que lhe são endereçadas uma, em 1792, por João José Pinto Vasconcelos<sup>38</sup> - sugerindo-lhe a compra de uma colecção de cento e vinte e seis medalhas grega e romanas, além de "hua concha do Malabar q. levará bons dois barriz de agoa, de cor cinzento azulado"<sup>39</sup> - e, outra, em 1796, de Manuel de Vilhena Mouzinho que, de Madrid, lhe envia raridades artísticas e antiguidades: "un

---

<sup>34</sup> *Carta de José Cornide y Saavedra a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Dezembro de 1800)*, BPE, CXXVII/2-3, Carta 2851.

<sup>35</sup> LISBOA, Baltazar da Silva - *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portuguesa, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*. Lisboa: Officina de Antonio Gomes, 1786, p. 17; e VASCONCELOS, José Leite de - Da numismática em Portugal. Lisboa: *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. IX (1923) pp. 115-119.

<sup>36</sup> SIMÕES, A. Filipe - O museu do bispo de Beja. Lisboa: *Archivo Pittoresco*, vol. XI (1868) pp. 76 e sgs.; e HUBNER, E. - ob. cit., 1871, pp. 37-38.

<sup>37</sup> [VALLE, Frei José de São Lourenço do], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19.

<sup>38</sup> Foi Secretário do governo de Angola e cônsul na Dinamarca (Cfr. SILVA, Inocência F. da, ob. cit., t. III, 1859, pp. 393-394).

<sup>39</sup> *Carta de João José Pinto Vasconcelos a Frei Manuel do Cenáculo (25 de Junho de 1792)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 6.

caxoncinho, que levava huma fermoza Bacanta y tres cabezas de Imperadores de marmol antigas, un canudo de folha de Flandrez com pa.te de hua carta de S. Fran.co Xavier"<sup>40</sup>.

4. A morte do arcebispo de Évora, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, ocasionará a eleição de D. Manuel do Cenáculo Vilas Boas como seu sucessor, em Março de 1802. Ao ocupar o Paço arquiiepiscopal, trará consigo os tesouros mais valiosos do seu universo coleccionista, não só os que mantinha no Gabinete particular na Sé de Beja, como igualmente tudo o que conseguiu deslocar da igreja de S. Sisenando. O que é forçoso concluir deste facto é que a natureza 'pública' do *Museu Sisenando* - tão incensada na *Oração*<sup>41</sup> - não implicara afinal a propriedade plena por parte da diocese (ou de qualquer outra instituição da cidade), mas tão só a permissão episcopal à fruição colectiva dos objectos exibidos enquanto ali durasse a presença do bispo<sup>42</sup>.

Três anos depois, em Évora, Cenáculo tinha já concluído a tarefa de reorganização da livraria e do museu, acomodados em edifício vizinho do Paço, no primitivo Colégio dos Meninos do Coro da Sé<sup>43</sup>. Quais seriam as colecções depositadas neste novo espaço museal, inaugurado em Março de 1805<sup>44</sup>, sabemos-lo pela pena do secretário da Academia das Ciências, Aragão

---

<sup>40</sup> *Carta de Manuel de Vilhena Mouzinho a Frei Manuel do Cenáculo (16 de Agosto de 1796)*, BPE, CXXVII/2-9, Carta 3821.

<sup>41</sup> "Eu busco desde os primeiros dias do mundo hum homem que em Portugal offrecesse hum publico Museo: busco-o entre os Monarcas, entre os Prelados, entre os Nobres e ricos. Porem inutilmente o busco. O Ex.mo Snr. Bispo de Beja he o primeiro q. e o conhece, e o primeiro que o faz conhecer" ([VALLE, Frei José de São Lourenço do], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19).

<sup>42</sup> Donde, ser difícil aceitar em toda a sua extensão a parte do elogio, na Academia das Ciências, que assegura que: "Com que outro fim trabalhou o Sr. Bispo de Beja por desentranhar da terra um grande número de lápides, cipos, sarcófagos, lanternas sepulcrais, e outros monumentos da antiguidade, entre eles uma elegante estátua de Cibeles, senão para enriquecer em benefício público o Museu da sua Igreja, e para ilustrar a antiga história do território a que presidia?" (MORATO, F. M. Trigoso de Aragão - Elogio historico do excellentissimo e reverendissimo D. Frei Manoel do Cenáculo. *In Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1815, t. IV, Parte I, pp. XCIV-XCVII).

<sup>43</sup> Cfr. PEREIRA, Gabriel - *Bibliotheca Publica*. Évora: Minerva Eborensis, 1947 [1886]; e ESPANCA, Túlio - O antigo paço arquiiepiscopal de Évora. Évora: *A Cidade de Évora*, nº 25-26 (1951).

<sup>44</sup> "7 de Dezembro de 1804. Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e colocá-lo na frontaria da Biblioteca. Por ser o orago da casa e museu, e festegei assim o aniversário da minha saída de Lisboa. (...) 6 de Março de 1805, meu aniversário, se abriram na livraria os

Morato, ao traçar o elogio póstumo do ilustre consócio: "uma Colecção de muitas pinturas (...) sendo muitas de grande estimação, por serem veras efígies de personagens ilustres; uma Colecção de raridades históricas, naturais e artificiais; uma numerosa e rica colecção de medalhas de todos os metais, romanas, portuguesas, e de outras nações: a qual seria mais copiosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo exercício inimigo na invasão de Évora"<sup>45</sup>. Também na cidade alentejana se fez sentir a violência dos exércitos invasores quando - nos três últimos dias de Julho de 1808 - do saque generalizado perpetrado pelas tropas do general Loison foi vítima maior o Paço arquiépiscopal, tendo sido roubados ou destruídos alguns dos objectos mais valiosos do Museu, incluindo grande parte do monetário

<sup>46</sup>.

No termo de uma vida longa de quase noventa anos, Cenáculo terá ainda o fulgor de uma decisão notável ao fazer perpétua doacção da Livraria Eclesiástica Pública, e do seu Museu, à Igreja Metropolitana de Évora. Deste modo, a provisão e estatutos da nova instituição cultural eborense (dados a 21 de Setembro de 1811 <sup>47</sup>) ao disporem o espólio cenaculano ao "uso e ilustração do seu Clero e dos povos daquela Diocese e Província", asseguravam a continuidade patrimonial das colecções e garantiam o carácter público e permanente do seu usufruto <sup>48</sup>.

---

primeiros caixotes de livros" (CENÁCULO, Frei Manuel do - *Diario, apud PEREIRA, Gabriel - Biblioteca Pública, 1947 [1886], p. 113).*

<sup>45</sup> Ob. cit., 1815, pp. XCIV-XCVII.

<sup>46</sup> Cfr. CENÁCULO, Frei Manuel do - *Memoria descritiva do assalto, entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808*. Évora: Minerva Eborense, 1887, p. 15. Sobre os acontecimentos relacionados com a presença francesa na cidade, veja-se (apesar de testemunho inflamado e pouco isento) José Joaquim da Silva - *Evora Lastimosa pela Deploravel catastrophe do Fatal Triduo de 29, 30 e 31 de Julho de 1808*.

<sup>47</sup> "Cenáculo avaliava a sua biblioteca e museu em 300 00 cruzados: diz ele que não podia deixar á cidade e á sua diocese jóia nem mais útil nem de maior valor" (PEREIRA, Gabriel - ob. cit., 1947, p. 121)

<sup>48</sup> Contributos para o esclarecimento (por enquanto incompleto) do lugar dos objectos originariamente cenaculanos nas colecções actuais do Museu de Évora podem ser encontrados em MACHADO, José Alberto, ob. cit. 1985 e ALEGRIA, António - *Colecção, coleccionadores. A colecção de Cenáculo*, Texto apresentado ao Mestrado em 'Museologia e Património' da F.C.S.H da U.N. de Lisboa (Polic.), 1998.